

Texto de Amélia de Freitas Beviláqua publica no *Almanaque Garnier* em

1910

ALMANAQUE BRASILEIRO

JURAMENTO

(AMELIA BEVILAQUA).

Desde a vespera que o sr. Paulo chorava em silencio ao pé do leito daquella que elle tinha amado apaixonadamente. Na brancura lactea que transparecia dos lençoes, dos cortinados e fronhas rendadas, apparecia a formosa imagem da querida morta, dormindo placidamente o seu ultimo somno sem um traço de angustia no semblante meigo e mimoso, ardeado de flores muito lindas que as mãos de seu marido tinham piedosamente semeado sobre ella.

Estava divina a morta, sob essa pallidez que a enrijecia como uma estatua de cera! Os cabellos sedosos, quasi louros, encaracolando-se em cachos muito longos, lhe cahiam pelos hombros misturando-se graciosamente com a profusão de petalas de rosas. Quando o vento soprava mais forte, elles se baloiçavam alegremente enchendo de vida o rosto da joven Lyce, onde fluctuava sempre um sorriso adoravel como se ella fosse falar.

O marido comprehendia que a hora da separação eterna tinha chegado. Muito triste, olhava a sua amada sorrir entre as flores. Debulhado em prantos, mergulhado numa immensa dor, se admirava como os annos se tinham passado rapidos! E, agora, neste momento angustioso, elle pensava no seu amor que se despertava mais ardente e mais vivo. Amaldiçoava a sorte, chegando ás vezes até a arrimar-se na esperanza louca de um milagre imprevisto. Não podia absolutamente conformar-se com a lembrança de que essa mocidade e belleza cheia de graças e seducções fóra do commum pudessem ser inexoravelmente arrebatadas de seus braços. Seria possivel que, de toda a sua grande felicidade, não lhe restasse mais do que essa estatua de belleza fria e inanimada?!

Muito tremulo e perturbado segurava-a pela fronte, beijava-a ardentemente nos olhos, pedindo que despertasse, repetindo, entre beijos, a mais ternas palavras que lhe vinham do coração.

Meu Deus! Como ella estava fria! Era a primeira vez que recebia com indifferença as suas caricias! Não falaria mais; tudo era inutil; nem o seu coração ali todo desfeito em lagrimas teria o poder de reanima-la.

Minha querida Lyce adorada, murmurava elle, foste melhor do que eu, e tu me amaste mais, porque me sacrificaste a tua mocidade e a tua innocencia, a mim que te fui perjuro tantas vezes!

De ti, Lyce mimosa, eu não tive jamais senão ciumes da tua belleza que eu não queria ver profanada. A vida não te foi boa talvez, mas foi a mim que tu deste tres annos de embriaguez completa e de um amor tão puro e absoluto que eu não poderei esquecer mais nunca.

Repousa em paz, Lyce formosa! Nunca mais pertencerei a ninguem, eu o juro minha querida, adeus... perdão... — E, apontando para o berço cheio de fitas como um naviozinho, onde se baloiçava o seu primeiro filho, sacudindo as pernas gordas, mordendo os dedos e riudo alto, olhando a claridade desse dia cheio de sol, de brilhos e bellezas que entravam em plena força pela janella a dentro, elle disse: ficaremos os dois aqui na terra a guardar a lembrança da tua imagem de santa. Beijando nesse momento os labios descorados da pobre Lyce, que ia ser para sempre encerrada no seu esquife negro, pareceu ao desconsolado marido que ella dizia, cheia de hesitações e duvidas, porém, ainda mais meiga e mais risonha, acolhendo essa promessa solemne, que não se realizaria talvez:

Agradecida! Agradecida!

(Das *Silhouettes*).